



FETO 2018 - Leitura de cena

Espectáculo: “Manual dx guerrilheirx urbanx”, com o Primeiro Núcleo de Carnavandalização e outras Melititâncias, de MG

Um outro ponto importante é não somente ler este manual aqui e agora, mas difundir seu conteúdo. Esta circulação será possível se aqueles que concordam com estas ideias façam cópias mimeografadas ou folhetos impressos, (sendo que neste último caso, a própria luta armada será necessária).
(Carlos Marighella – Manual do guerrilheiro urbano).

VIGOROSA GUERRILHA SIMBÓLICA

Kil Abreu

O Manual do guerrilheiro urbano foi escrito por Carlos Marghella (1911-1969) em data imprecisa e veio a público em 1969, na nascente do pior momento da ditadura civil militar brasileira e pouco antes do seu assassinato. Resulta, como ele diz na apresentação, da própria experiência. Dele, de outrxs revolucionários e revolucionarixs brasilerirxs e de outros países. É uma compilação de técnicas, práticas e atitudes, uma pedagogia para a intervenção daquelxs pessoas que tomaram para si a tarefa de fazer a revolução social e resistir ao regime militar. Retomadas agora, cerca de 50 anos depois, aquelas páginas clandestinas seguem o seu destino, o de funcionarem como material de orientação para a ação militante. Agora em contexto de época diferente (por enquanto) e sob o filtro de um incendiado grupo de jovens artistas mineirxs que tomam as palavras de Marighella como motivo para uma intervenção teatral ampla, viva, urgente, que desdobra as primeiras páginas do Manual em tantas possibilidades de discursos e posições quantas forem possíveis. Nas palavras deles mesmos, é material agora crivado por “novos desejos, novos corpos, novos tempos, novas tentativas, novas ruínas”.

O que mais chama a atenção no trabalho do *Primeiro Núcleo...* é a maneira como eles e elas deram atenção a cada um destes termos usando o palco como espaço para a encenação da fúria juvenil que a tudo quer lambar, sem no entanto perder de vista o tempo em que vivem. As novas tentativas aparecem então coladas aos dilemas e questões políticas que ao mesmo tempo dizem respeito a todos nós mas parecem ter enraizamento fundo no

desejo e na experiência de vida de cada um e cada uma que discursa e age em cena. Talvez isso explique o vigor do espetáculo. É um teatro vivo, uma encenação *rock'n roll* não apenas porque consegue representar o entusiasmo, mas porque a performance nos mostra uma apropriação fora da ordem das suas fontes. Ou seja, uma atitude diante delas, que pode ser lida no desempenho de todos os intérpretes, que assim não nos chegam apenas como intérpretes – no sentido da representação de algo que está fora deles-, mas performers. Pois a sensação é de que a atuação é na verdade performance, de alguma maneira – às vezes mais, às vezes menos explícita – varia a vida dos garotos e garotas. Daí a forte presença cênica de todos e todas, sem exceção.

Segundo informa o grupo, o espetáculo nasceu no contexto da conclusão de curso dos alunos do 3º ano do Curso Técnico em Artes Dramáticas do Centro de Formação Artística e Tecnológica - CEFART, da Fundação Clóvis Salgado. A mentora da proposta, que também assina direção e dramaturgia (esta com o elenco), é Marina Viana e o projeto tem participação de integrantes do Teatro 171 e Mayombe. É um trabalho portanto amparado na colaboração de vários coletivos, abrigados no processo pedagógico e além e composto enfim por Carlos Lauro, Efigênia Marya, Jennifer Candeias, Laura Lopes, Lucas Matias, Paula Libéria, Renato Gualberto, Rodrigo Carizu, Sâmylla Aquino (em cena).

A narrativa traz a marca das criações coletivas. Tem como ponto de partida o manual, mas espraia-se por incontáveis outras referências. É um patchwork de discursos poéticos e reflexões militantes. Para dar contorno a tantas citações cada ator/atriz ganha a ribalta defendendo um personagem histórico: Dandara Zumbi, Che Guevara, Jesus, Maria Bonita, Frida Kahlo, Malcom X, Joana D'Arc, uma mulher Zapatista, entre outros. A partir deles há aproximações não só biográficas como temporais, em operações estéticas que não se contentam apenas em justapor fatos e pessoas e sim em, intencionalmente, sobrepor situações, tempos e personagens uns aos outros. Usam os emblemas históricos para friccioná-los com o presente e as atitudes políticas recém pautadas. Isto oportuniza, por ex, uma Dandara fazendo, em ótima cena, a ponte entre a escravidão e o lugar do negro na sociabilidade atual, e o “Navio negreiro” de Castro Alves retomado nas rimas de um rap que o retifica e o faz vivo no presente. Em outra entre tantas frentes abertas a iconoclastia é a marca, com um Jesus ressuscitado em discurso e atitude punk. Nessas apropriações e



leituras o espetáculo vai se demarcando ele mesmo como espaço para uma imaginação política fresca, desobediente, marcada pela ironia, pela paródia e também aqui e ali pelo tom dramático. A iluminação de cores cruas em muitos momentos desenha a vocação pop da montagem, e a trilha variada mistura épocas, nos diz sobre um passado que, para o bem e para o mal, insinua-se presente.

Em um tempo de perigo iminente os jovens artistas mineiros sabem que as sombras do fascismo rondam e alertam ao fato de que a representação talvez não siga no futuro próximo. É coisa que reforça aquela impressão de que a despeito das boas dinâmicas cênicas, do inventivo e entusiasmado plano formal, o espetáculo não é apenas fruto da inquietação estética. Junto a esta, é resultado de uma importante, fresca, iluminada inquietação política. É uma guerrilha simbólica que sinaliza com formas de engajamento vivas e que certamente serão da maior importância daqui em diante.

kil.abreu68@gmail.com